

Infância Vulnerável e Construção de Significados -Projeto de Psicologia Ambiental

Área Temática de Meio Ambiente

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar e discutir os métodos e resultados do projeto de extensão realizados pelo Laboratório de Psicologia Ambiental da UFSC, desde 2002. O projeto tem lugar na comunidade Chico Mendes do Bairro Monte Cristo, em Florianópolis, e tem por objetivo reconhecer os processos de apropriação de espaço e de representação ambiental operados por adolescentes e crianças daquela comunidade, assim como avaliar e intervir naquilo que for encarado como problema a ser discutido. Esse trabalho é realizado em conjunto com a comunidade e a ONG Casa Chico Mendes.

Autores

Ariane Kuhnen – Dra. em Ciências Humanas
Frederico Gorski – Acadêmico de Psicologia,
Scheila Machado – Acadêmica de Psicologia
Maisa Maróstica – Acadêmica de Psicologia
Danielli Lucca - Acadêmica de Psicologia

Instituição

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Palavras-chave: espaço urbano; apropriação de espaço; apego

Introdução e objetivo

Este artigo tem por objetivo apresentar os trabalhos que vêm sendo realizados pelas atividades de extensão do Laboratório de Psicologia Ambiental junto à comunidade Chico Mendes no Bairro Monte Cristo, em Florianópolis. Esses trabalhos vêm sendo executados desde 2002 e, em 2004, entram em uma nova fase, na qual o enfoque se desloca do ecológico para apropriação do espaço urbano. As atividades na comunidade tiveram início no ano de 2000 com um grupo de alunos que cursavam a disciplina Psicologia da Aprendizagem II, e que possuíam o objetivo de compreender o processo de aprendizagem na rua, na casa e na escola. No ano seguinte, as atividades continuaram aliando o campo das artes à Psicologia Ambiental. Apenas em 2002 essas atividades passaram a fazer parte de um Projeto de Extensão institucionalizado pelo Laboratório de Psicologia Ambiental da UFSC, sob o título “Meio Ambiente e construção de significados na comunidade Chico Mendes, bairro Monte Cristo - Florianópolis, SC”. O local de atuação é a Associação dos Amigos do Centro de Atividades Comunitárias Chico Mendes, conhecida como Casa Chico Mendes. Trata-se de uma Organização Não Governamental – ONG, criada em 1992 por um grupo de educadores e religiosos.

Esta é uma das regiões mais carentes da grande Florianópolis (localiza-se numa região limítrofe entre os municípios de São José e Florianópolis), apresentando precárias condições ambientais e graves problemas associados à violência urbana. Os moradores da Comunidade Chico Mendes têm uma história muito parecida com quilóde de outras pessoas que se dirigem à Capital em busca de melhores condições de vida. Ao deixar o campo, migram em busca de condições para o sustento da família. Muitas vezes, esse processo resulta na queda da qualidade de vida das famílias, o que, dentro de um contexto mais amplo das relações sociais

implicadas na vida urbana, aumenta os índices de desigualdade social. Neste sentido, a proposta da ONG, na qual se realizam as atividades desse projeto, vem justamente na direção de tentar modificar essa realidade, resgatando a dignidade, humanizando as relações sociais e construindo a cidadania de seus participantes.

Desta forma, a ONG realiza atividades e projetos sociais que integram crianças, jovens, adultos e famílias em grupos de apoio sócio-educativo; bem como oferece subsídios e/ou realiza encaminhamentos para a solução dos problemas cotidianos da população local. Assim, o apoio da ONG à comunidade se estrutura em três projetos distintos, que são: Projeto Tecendo Vida, Projeto Nossa Casa e Projeto Esperança.

O projeto de extensão desenvolve atividades junto ao Projeto Esperança, que atende 80 crianças na faixa etária de 7 a 14 anos. Como os encontros acontecem apenas no período vespertino são atendidas aproximadamente 40 crianças, em duas turmas, dos 7 aos 11 anos e dos 12 aos 14 anos. Baseia-se na participação das atividades cotidianas dos grupos e na realização de encontros semanais.

Seus objetivos são os de: investir na constituição da subjetividade desses sujeitos, detectando modelos e processos identificatórios a partir dos quais seja possível compreender e promover aspectos do contexto do desenvolvimento inscritos nos modos de morar, circular, brincar ou organizar os ambientes em questão; analisar nos membros dessa comunidade, especialmente crianças e jovens, as representações e comportamentos relativos ao meio ambiente, conhecendo dessa forma dimensões contextuais de apropriação espaço-temporal, correlacionando-as ao desenvolvimento e a identidade dos sujeitos envolvidos no projeto; analisar a relação entre o ambiente e a constituição dos sujeitos, dentro dos conceitos de identidade, apropriação e apego de lugar; promover cooperação, participação e assim, estimular comportamentos pró-ambientais; evocar reflexões sobre as questões ambientais relacionadas às vivências do cotidiano; promover educação política, ambiental e cidadã; familiarizar alunos de psicologia com problemas humano-ambientais; e qualificar o psicólogo para atuar junto a equipes interdisciplinares.

Metodologia

Diferentes enfoques e metodologias foram sendo empregados desde a implantação do projeto. Porém algumas características do projeto se mantiveram como indispensáveis e constitutivas da identidade deste. Assim sendo, as atividades realizadas visam diagnosticar os problemas da comunidade, trabalhá-los e promover relações sociais de integração da comunidade em si e desta com o meio ambiente.

As metodologias apresentadas têm o compromisso de capacitar as novas gerações para a participação no planejamento, produção e gestão do espaço urbano, tendo como perspectiva a busca da sustentabilidade. Baliza-se no desenvolvimento social buscando conhecer os significados atribuídos ao espaço, assim como em desenvolver elementos mediadores nas interações entre as pessoas e seus espaços de vida que levem a consolidação de referências pessoais e espaço-temporais comprometidas com uma nova ética sócio-ambiental.

A aproximação ao grupo inicia-se com uma apresentação. Esta é organizada com técnicas de dinâmicas de grupo conhecidas na literatura para tal finalidade. Busca a formação de vínculo com as crianças e adolescentes, estabelecendo com eles um acordo de participação. Inicia-se o processo de formação do grupo de trabalho através das Dinâmicas de integração que visam passar da série ao grupo (Lapassade, 1983), bem como desenvolver empatia e solidariedade. A metodologia segue com as demais atividades. São efetuadas observações das interações humanas entre si e com o ambiente físico. Alguns encontros são destinados à observação da dinâmica e funcionamento da Casa. A participação em reuniões da equipe local, nas quais são discutidas e planejadas as ações dos membros colaboradores e os problemas da comunidade, auxilia a orientar as tarefas subseqüentes. Visitas à comunidade e

suas instituições originam dados para compreender como se estabelecem as relações daqueles sujeitos com seu entorno. Este conjunto oferece indicações do contexto social em que estão inseridos e coloca os pesquisadores imersos na realidade na qual irão trabalhar. As observações da equipe de campo são compartilhadas com os colaboradores da Casa, lideranças comunitárias e demais pesquisadores e, a partir daí, se organizam as próximas etapas.

São organizadas saídas na comunidade e em outros espaços da cidade, a fim de possibilitar ao grupo tomar contato, conhecer e distinguir os vários ambientes que lhe são dados a conviver. O principal objetivo é que o grupo perceba os seus direitos e deveres para com os lugares e as pessoas a sua volta. A ampliação desse direito à cidadania e à participação na cidade pretende distanciar o grupo da limitação provocada pela guetificação (Castro, 2001). Processo que provoca o encerramento espacial das crianças e jovens no bairro onde vivem. Além disso, ao conhecer outros espaços, o grupo pode ampliar suas possibilidades de atuação e de comportamento, na medida em que entra em contato com pessoas diferentes das de seu cotidiano. Busca desenvolver a percepção ambiental também em visitas a museus, parques, bibliotecas, mostras de teatro e cinema etc, assim como proporcionar alternativas de lazer na comunidade ou fora dela.

As atividades lúdicas e artísticas configuram-se num dos fortes pilares da metodologia. Tal forma de linguagem une, constitui e representa uma sociedade. A arte está irremediavelmente relacionada ao espaço sócio-histórico onde é produzida. O sujeito sócio-histórico efetiva, através dela, uma necessidade essencial individual conjuntamente com uma riqueza relativa a totalidade humana. Criando uma forma de comunicação entre sua especificidade (vinculada a uma obra por ele objetivada) e os outros sujeitos sócio-históricos, formando o que Vigotski (1990) denomina criação anônima coletiva.

Portanto, as atividades artísticas são planejadas com o intuito de acessar o imaginário do grupo em relação ao seu universo físico, natural ou construído, e psicossocial. Através delas, identificam-se inicialmente diversos aspectos socioambientais. Dramatizações, sessões de desenho e pintura, modelagem em argila, colagens, oficinas de material reciclável e mosaico são algumas das técnicas que se lançam mão. Os coordenadores atuam como facilitadores para o grupo expressar o que está procurando objetivar através da produção artística. Nessa atividade o são auxiliados por monitores para observar a dinâmica interna e registrar o desenvolvimento das atividades.

A fim de desenvolver a capacidade de trabalho coletivo, levar o grupo a experimentar a ajuda mútua, pode se traduzir num aspecto crucial. Entre as atividades desenvolvidas para este fim destaca-se a seguinte: disponibilizar revistas a fim de que recortem figuras com ambientes construídos e naturais para que seja criado coletivamente um quebra-cabeça. Seleccionam, colam em folhas de papel-cartão e recortam, transformando as figuras nas peças. Em seguida forma-se duplas em que um dos participantes fica com os olhos vendados. Este será responsável pela montagem do quebra-cabeça a partir do auxílio do outro, que estará com as mãos atadas e dará as instruções verbais de posicionamento das peças para que o montem. Terminada a tarefa, falam o que sentiram ao terem um de seus sentidos bloqueado e da necessidade da dependência e do auxílio do outro. O conteúdo então é discutido e a ética dos presentes colocada em cheque pelo grupo. Novas possibilidades comportamentais são levantadas e estabelece-se o compromisso de manter certas regras. Atividades como estas levam o grupo a estabelecer mais confiança em si e em suas capacidades, valorizar características pessoais e o lugar no grupo. Os coordenadores-pesquisadores suscitam referências à vida na comunidade em situações semelhantes. Pode-se observar que desperta uma crescente valorização de seus espaços de vida coletiva e do que esta pode possibilitar.

Para as dinâmicas de projeção e visualização do futuro são utilizados filmes, leitura de livros, revistas e jornais. Para ilustrar apresenta-se outra atividade. É dada a seguinte tarefa:

“Fazendo uso de desenho e colagem imaginem que vocês viajaram para outro estado e fizeram um novo amigo. Este amigo não conhece sua cidade, então ao voltar para casa vocês desejam lhe enviar um cartão-postal apresentando a cidade.” Para os adolescentes é também pedido que escrevam um pequeno texto a fim de descrevê-la. Símbolos da cidade aparecem como formas reelaboradas de uma realidade, muitas vezes aprazível, mas freqüentemente problemática. (Veriguini, 2003)

A fim de dar voz aos sujeitos e resgatar mais sistematicamente suas falas, realiza-se uma série de entrevistas semi-estruturadas com os sujeitos participantes. Investiga-se a constituição da subjetividade desses sujeitos, detectando modelos e processos identificatórios a partir dos quais é possível compreender aspectos do contexto do desenvolvimento inscritos nos modos de morar, circular, brincar ou organizar os ambientes em questão (Legendre, 1997, 1999; Rabinovich, 2004).

Resultados e discussão

A primeira barreira detectada foi o fenômeno de desterritorialização e diluição de sociabilidades. Após investigações feitas por Kuhnen e Luz (2002) e por Kuhnen et al (2002) concluiu-se que tal característica é devida a fragilidade no sentimento de apropriação e apego ao local de moradia (Proshansky 1976, 1978, 1982). Por ser um processo interativo com o entorno, a apropriação oferece a chance deste ser gerenciado e cuidado. Segundo Korosec (apud Pol, 2002) este fenômeno pode ocorrer por seu uso habitual ou por identificação.

As saídas auxiliam o grupo a se apropriar dos seus espaços de vida e a se identificar com os lugares que compõem sua identidade. Amplia possibilidades de mudança em relação ao meio ambiente. Reflexões trazem à tona o espírito crítico, a capacidade de fundamentar escolhas, a entender e a superar limitações, assim como estabelecer novas práticas, compreendendo que, isoladas e individualizadas, não se sustentam. De igual forma, revelam-se múltiplas repercussões do contexto espacial sobre a vida das pessoas.

Atualmente o projeto prevê a ampliação dos trabalhos em grupo que serão realizados no SAPSI (Serviço de Atendimento Psicológico da UFSC) e possibilitarão o desenvolvimento de sessões de dinâmica de grupo, de relaxamento, “viagens dirigidas”, grupos temáticos de discussão utilizando a técnica de Grupos Focais para obtenção de dados qualitativos, entre outros. Visualiza-se que alcançarão o desenvolvimento da percepção, da reflexão e a formação de opiniões críticas. A metodologia de Grupos Focais permite que os sujeitos tenham maior liberdade em expressar suas opiniões e formas de abordar um determinado assunto sem, para isso, sofrerem a intervenção do pesquisador. Essa técnica se mostra particularmente útil para esse projeto, uma vez que bem se adequa à pesquisa com grupos de adolescentes e crianças. O objetivo dessas sessões não é chegar a um ponto comum, senão que levantar diversidade de opiniões presentes no grupo.

Este projeto faz a ponte entre a Universidade e a comunidade, colocando a serviço e a disposição dos moradores da comunidade Monte Cristo as qualificações da ciência psicológica. Assim, a relevância e a importância social do projeto estão alicerçadas tanto na formação de alunos do curso, que têm uma rica oportunidade de inserção numa outra realidade da cidade além da conhecida, quanto no estabelecimento de um envolvimento com a transformação social dessa camada da população, através da experiência de ação e promoção social dos menos favorecidos da Comunidade Chico Mendes.

Espera-se também capacitar a comunidade a produzir sentido e a apropriar-se do seu local da moradia, já que na base de todo processo de apropriação há elementos essenciais de mecanismos de socialização. Como referência acerca do desenvolvimento da identidade entende-se que não é o local de nascimento que funda a identidade das pessoas, mas sim a força política e cultural dos grupos sociais que nele se reproduzem e sua capacidade de produzir/estimular uma certa identidade. Desse modo, é importante estabelecer ações no

sentido de tornar presente a relevância do que se chama na literatura de apego ao lugar, e incluir as características da identidade de lugar à identidade global do sujeito.

No início dos encontros entre os estagiários e os membros da comunidade, muitos sujeitos apresentavam baixa auto-estima, desmotivação, apatia, constante desvalorização de si mesmo e do local de moradia, assim, na primeira etapa deste projeto foram desenvolvidas atividades que incentivassem a motivação, a criatividade e a participação dos sujeitos. Com o transcorrer das atividades, aos poucos as crianças foram se demonstrando mais confiantes em si mesmas e em suas capacidades, valorizando suas características pessoais e suas vivências na comunidade. Isso despertou nelas uma crescente valorização da comunidade como um todo, de seus espaços e do que esta pode possibilitar de positivo para elas. Alguns dos sujeitos já conseguem levantar alguns dos aspectos positivos de morar na comunidade, como fazer amigos, conhecer muitas pessoas, poder brincar em alguns de seus espaços e poder participar de projetos sociais como os da ONG.

Também foram realizadas atividades que possibilitariam o término de atitudes bastante individualistas e para que se formasse um sentido de grupo; bem como o desenvolvimento da empatia e da solidariedade para com o outro, compreendendo que este tem o direito de ser diferente e deve ser respeitado por isso.

Através das dinâmicas e das conversas dirigidas, despertou-se o senso crítico dos participantes, os quais passaram a assumir certa responsabilidade frente aos problemas da comunidade, contribuindo com sugestões para a modificação da realidade na qual vivem.

Os passeios dos participantes a outros ambientes da cidade possibilitaram justamente a ampliação do direito à cidadania e uma maior participação da cidade, já que muitos deles não a conheciam, estando limitados ao bairro onde vivem. Além disso, ao conhecerem outros espaços, os sujeitos ampliaram suas possibilidades de atuação e de comportamento, já que entraram em contato com pessoas diferentes de seu cotidiano; bem como ampliaram suas perspectivas de futuro, conhecendo possíveis locais de se morar, trabalhar e estudar.

Conclusões

Os moradores da comunidade onde o projeto de extensão está inserido vivem numa cidade na qual não se sentem pertencentes, comportam-se como se estivessem de passagem pela localidade. Suas condições econômicas não permitem que tenham acesso aos locais de lazer e aos atrativos naturais da cidade.

Com as atividades desenvolvidas pelo projeto, foi possível, para as crianças e jovens dos grupos, uma maior apropriação da sua comunidade e um alargamento dos limites da cidade por meio de passeios, visitas monitoradas dentro da comunidade e em diversos espaços da cidade. "A experiência da e na cidade por parte da criança e do jovem constitui um dos aspectos primordiais na constituição do sujeito no contemporâneo, enquanto experiência que possibilita diferentes formas de experiência e alterização." (Castro, 2001, p.39)

Dentre vários benefícios proporcionados aos participantes do projeto está a possibilidade dos mesmos em estabelecer contato com outros sujeitos e assim compreender que existem diferentes formas de se relacionar tanto com o outro como também com o entorno, seja este o local de moradia ou mesmo a cidade como um todo. Da mesma forma, ao permitir uma reflexão crítica da responsabilidade de cada um frente aos problemas ambientais enfrentados pela comunidade, o projeto oportunizou aos participantes uma ampliação do conceito e da prática de ser cidadão; bem como o desenvolvimento de comportamentos pró-ambientais.

A partir dessas contribuições enfatiza-se nesse trabalho que um programa de educação ambiental deve, necessariamente, estar centrado em princípios de formação integral e integradora do educando, considerando os problemas sociais e ambientais como dimensões de um mesmo mundo (Higuchi et al, 1996). Chamamos atenção para o entendimento de que

devem ser considerados como aspectos indissociáveis das dimensões psicológica, social, cultural, histórica e geofísica dos educandos. A partir dessa perspectiva, podemos considerar que o meio ambiente é um aspecto das pessoas que vivem nele.

Referências bibliográficas

- CASSAB, M. A. T. Crianças e jovens na construção da cultura. In: CASTRO, L. R. (Org.) Crianças e jovens na construção da cultura. Subjetividade e Cidadania – Um estudo com crianças e jovens em três cidades brasileiras. FAPERJ/7 Letras: Rio de Janeiro, 2001.
- CASTRO, L. R. de. Subjetividade e Cidadania – Um estudo com crianças e jovens em três cidades brasileiras. FAPERJ/7 Letras: Rio de Janeiro, 2001.
- FISCHER, G-N. Psychologie de L'environnement social. 2 ed. Dunod: Paris, 1997.
- HIGUCHI, M.I.G., Farias, M.S.M, Azevedo, G.C. e Abreu, J.P. Representações Infantis de Meio Ambiente Amazônico: Implicações no Ensino da Educação Ambiental. Interamerican Journal of Psychology. 1996, Vol.30, No. 2, pp. 209-222, 1996.
- KUHNEN, A. Apreciar um lugar não é tão simples quanto parece - Intervenções de dimensões psicológicas e de atributos ambientais na escolha de um lugar. In: Seminário Internacional Psicologia e Ambiente Construído. Rio de Janeiro. p. 332 – 338, 2000.
- _____. Sociedade e Meio Ambiente - Criação de sentido na interação entre a pessoa e seus espaços de vida. Olam Ciência e Tecnologia. Rio Claro-SP: , v.1, n.2, p.62 – 76, 2001.
- KUHNEN, A., Drews, A., Luz, G. M., Marafon, G. Aspectos psicológicos das interações humano-ambientais - socioespacialidade e identidade de lugar na Comunidade Chico MENDES In: IX Encontro Nacional da ABRAPSO - Assoc. Brasileira de Psicologia Social. Itajaí, 2002.
- KUHNEN, A. e Luz, G. M. da. Relação sócio-espacial e desenvolvimento da identidade de lugar na comunidade Chico Mendes, Bairro Monte Cristo-Florianópolis In: XXXII Reunião Anual de Psicologia – SBP. Florianópolis, 2002.
- _____. Lagoa da Conceição – Meio ambiente e modos de vida em transformação. Cidade Futura: Florianópolis, 2002.
- KUHNEN, A Contribuições da Psicologia Ambiental à compreensão da apropriação espacial. In: XII Encontro Nacional da ABRAPSO - Assoc. Brasileira de Psicologia Social, Porto Alegre, 2003.
- LAPASSADE, G. Grupos, organizações e instituições. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- LEGENDRE, A. Sensibilité à des contraintes environnementales et relations interpersonnelles chez des jeunes/enfants en groupes. Psychologie Française. 42 (2), 157-168, 1997.
- _____. Interindividual relationships in groups of young children and susceptibility to an environmental constraint. Environment and Behavior. 31 (4), 463-486, 1999.
- Pol, E. El modelo dual de la apropiación del espacio. In: Psicología y medio ambiente – aspectos psicosociales, educativos y metodológicos. (Ricardo Garcia Mira, José M. SABUCENO CAMASELLE, José Romay Martinez (eds.) Publiedisa: A Coruña, 2002.
- PROSHANSKY H. M., Fabian A., Kaminoff R. Place Identity, Physical World, Socialization of the Self, Journal of Environmental Psychology, 3, 1983.
- PROSHANSKY, H. M. The City and Self-Identity, Environment and Behavior, vol. 10, 2, 1978.
- PROSHANSKY, H., M. Appropriation et non Appropriation (Misappropriation de L'espace). p. 34-49. In: Actes de la Conférence de Strasbourg.- Appropriation de l'espace. p. 112-122. (Ed. P. Korosec-Sefaty), France, 1976.
- RABINOVICH, E. P. Barra Funda, São Paulo: as transformações na vida das crianças e na cidade – um estudo de caso. Cap. III. In: Harmut Gunther, José Q. Pinheiro e Raquel Souza LOBO GUZZO (orgs) Psicologia Ambiental . Campinas: Alínea ed., 2004. p. 55-100.
- REIGOTA, M. O que é Educação Ambiental? São Paulo: Brasiliense, 1994.

VERIGUINI, N. R. Desenvolvimento do Projeto de extensão: Aspectos psicológicos das interações humano-ambientais na Comunidade Chico Mendes. Artigo não publicado. UFSC-DAEx. Mimeo, 2003.

VIGOTSKI, L. S. La Imaginacion y el arte en la infancia. 2.ed. Madri: Akal, 1990.